A Copa das Manifestações: Redes Sociais, Emoções e Movimento Popular[1]

Karla Azeredo Ribeiro MARINHO[2]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O objetivo central deste artigo é compreender como o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) promoveu o desenvolvimento do processo de mobilização social brasileiro no mês de junho de 2013. Pretende-se levantar elementos que apontem o modo pelo qual a comunicação *online* pode contribuir para a promoção de cidadania e a construção de novas subjetividades sociais a partir da multiterritorialização das emoções partilhadas pelos cidadãos brasileiros em decorrência do sentimento de ausência de representação política no país.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais; Redes Sociais; Emoções; Multiterritorialização; Participação Política.

Introdução

O final do século XX foi marcado por um conjunto de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais no cenário internacional. Os meios de comunicação tradicionais (jornal, rádio, revistas e televisão), que sempre exerceram uma importante mediação destes acontecimentos sociais, também foram afetados por estas novas configurações sociais ganhando fôlego com um novo suporte para reconfigurar esta mediação: os *media* digitais. O processo comunicativo, antes restrito a uma dimensão mais localizada em termos geográficos, foi deslocado para a ágora digital, ressignificando e multiterritorializando o protagonismo social através da internet.

Na primeira metade do século XXI observam-se importantes eventos políticos com a participação de atores não governamentais utilizando a internet e dispositivos móveis como ferramenta para a participação democrática, contestando governos e instituições, além de ampliar e reforçar acontecimentos nacionais e internacionais.

[1] Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 2 a 7 de setembro de 2013.

[2] Doutoranda no Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Bolsista Faperj e membro do Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação. E-mail: karibeiro1@yahoo.com.br.

Um exemplo recente e bastante ilustrativo neste sentido é a "insurreição popular" iniciada em junho de 2013 no Brasil que se propagou por todo o país numa onda de protestos que eclodiram como um grito revolucionário denunciando o sentimento de ausência de representação política.

O movimento intitulado por muitos analistas como *Primavera Tropical*, em alusão a Primavera Árabe, cujas revoltas ocorridas nas regiões árabes culminou na queda de governos ditatoriais iniciadas em dezembro de 2010, foi um movimento articulado no espaço digital, que, por meio de redes sociais reverberou por todo o país em sucessivos e simultâneos levantes populares.

Castells[3] (2013) afirma que o descontentamento da maioria da população brasileira, tal como outros movimentos sociais na história, operam na ordem emocional. Em algum momento, um fato específico pode trazer à tona o limite da indignação, e, ao sentirem a possibilidade de estarem juntos diante da partilha do mesmo sentimento de insatisfação, muitos se enchem de esperança de fazer algo diferente. No caso particular do Brasil, o aumento das tarifas de transporte coletivo foi o estopim para a mobilização e organização de jovens, homens, mulheres, idosos e crianças no mês de junho de 2013.

Este fato foi o marco inicial da onda de manifestações populares que tomou o país, desdobrando-se em uma série de reivindicações até então represadas no imaginário coletivo, tal como evidenciado numa enxurrada de cartazes e faixas exibidos pelos manifestantes ao longo dos movimentos que tomavam conta das ruas em diferentes pontos do país. Frases como "*Bem-vindo a copa das manifestações", "Temos o poder", "O povo não deve temer seu governo", "Mais pão e menos circo", " Enfia esses 20 centavos no SUS", "Brasil campeão dos saltos orçamentais", "Dilma, nós não acordamos fortes, somos fortes", "Basta", "Eu acredito em vinagre", "Queremos cura para a fome", "Com quantas escolas valem um Maracanã?"*, foram manchetes de jornais e revistas, pautando a mídia nacional e internacional sobre as mobilizações organizadas através de redes sociais em resposta ao sentimento coletivo de falta de representação política no país.

Todo esse sentimento de descontentamento experimentado pela maioria da população brasileira não denota simplesmente um reflexo da crise econômica no país, haja vista o Brasil estar vivendo um período de pleno emprego, ampliação de benefícios

[3] CASTELLS, Manuel. O povo não vai se cansar de protestar. O Globo. 29 de junho de 2013. Entrevista concedida por e-mail a Mauricio Meirelles.

para a população menos favorecida, tal como os pacotes sociais em expansão como Bolsa Família, Programa Minha Casa Minha Vida, entre outros.

"Os protestos não são de proletários, mas protestos contra a ameaça de ser reduzido ao status de proletário" (ZIZEK, 2012, p.11). Corrobora a afirmativa o perfil dos manifestantes[4] traçado por pesquisa realizada pelo Ibope em 19 de junho de 2013 mostra que na concentração dos protestos por todo o país estavam reunidos 43% de jovens de ensino superior completo, sendo 49% dos manifestantes com renda familiar superior a cinco salários mínimos - o equivalente a R$ 3.390,00.

O que se assistiu nas ruas foi uma resposta às profundas mudanças culturais e subjetivas produzidas em decorrência deste cenário nacional, onde junto ao crescimento desta nova classe média que emerge, surge a preocupação com a manutenção das melhorias em sua qualidade de vida, tendo em vista a falta de confiança que a população hoje deposita no quadro efetivo de representantes políticos. "Os políticos tornaram-se expostos como corruptos. Os governos foram denunciados. A confiança desapareceu. E a confiança é o que une a sociedade, as instituições, o mercado. Sem confiança, nada funciona" (CASTELLS, 2012, p. 01).

Doravante, a comunicação digital no que se refere à mobilização social torna-se importante na medida em que ela explica alguns dos mecanismos usados pela população para se organizar politicamente, disponibilizando imagens e circulando informação dos protestos no Brasil e pelo mundo. De igual importância para este trabalho é o debate em torno do papel da internet no processo de multiterritorialização das emoções partilhadas pela sociedade civil, onde as fronteiras para mobilização, informação e organização se dissipam, inaugurando um novo modo de estar junto em sociedade, se relacionar em torno de um mesmo sentimento (CASTELLS, 2013).

Manifestações locais foram orquestradas online. Pesquisa realizada pelo Ibope[5] em 19 de junho de 2013 revela que 86% dos participantes foram mobilizados por redes sociais, sendo 72% pelo *Facebook* e 32% pela internet em geral. Inicialmente estas mobilizações eram organizadas contra o aumento das tarifas do transporte coletivo.

Assim, este trabalho pretende explorar a revisão de literatura já produzida sobre o uso social de mídias digitais, buscando à luz de diversos analistas articular os protestos populares catalisados em rede a partir do desencantamento da sociedade com a

[4] http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2013/06/pesquisa-revela-perfil-dos-manifestantes-brasileiros.html
[5] Idem.

representação política no Brasil e consequente reorganização popular com base em emoções partilhadas (CASTELLS, 2013).

"No meio do caminho havia uma Copa. No meio da Copa encontramos o caminho"

A paródia do poema *No meio do caminho* de Carlos Drummond Andrade era uma das centenas de milhares de frases que indicavam os sentimentos experimentados por brasileiros no mês de junho de 2013. Tal como no poema de Drummond, estes sentimentos expressavam os obstáculos que impediam a sociedade de avançar em plenitude de atos e sentimentos.

Às vésperas de sediar grandes eventos como a Copa do Mundo, Jornada Mundial da Juventude e a Copa das Confederações, a "pátria de chuteiras"[6] mudou definitivamente sua imagem aos olhos do mundo.

No mês de junho de 2013 o espaço público brasileiro foi palco de uma verdadeira insurreição popular, que com tamanha efervescência tomou conta das ruas, colocando o país na mira dos holofotes internacionais. Em lugar da Copa das Confederações, os olhares do mundo se voltaram às ruas das principais capitais brasileiras, tomadas por sucessivos levantes populares, ocupando assim lugar de destaque nos principais jornais do país e do mundo. Muitos destes veículos usavam em suas manchetes a expressão *A Copa das Manifestações* como referência aos eventos sucedidos nas ruas durante o evento esportivo sediado no Brasil.

O crescimento econômico do país assistido nos últimos anos pela parceria comercial feita entre Brasil e China com a exportação de *commodities* para o continente Asiático, o momento de pleno emprego experimentado junto ao aumento da classe média e diminuição da pobreza foram nos últimos anos, o carro chefe para a enorme popularidade do governo Dilma, que apresentava em março de 2013, índice de 65% de aprovação popular[7]. Para surpresa das autoridades, três meses depois, estes índices despencaram, chegando a apenas 30%[8], com a população se manifestando por meio de

[6] Expressão utilizada por Nelson Rodrigues em crônicas sobre o futebol no Brasil.

[7] Fonte: Datafolha. Disponível em http://datafolha.folha.uol.com.br/. Acessado em 24 de junho de 2013.

[8] Idem.

mídias sociais e milhares de pessoas comparecendo às ruas em protestos ocupando pontos distintos do país.

A dinâmica inicial das manifestações remonta a *Catastrophe Theory* do Matemático francês René Thom[9] e a teoria *Tipping Point* de Malcon Gladwell[10], onde um evento de pequena escala produz um ponto de ruptura aflorando correntes de pensamentos submersos e liberação de sentimentos há muitos represados.

Uma vez ocupadas as ruas, os manifestantes eram coibidos com brutalidade por forças policiais. As cenas eram registradas e veiculadas na rede por cidadãos anônimos que filmavam com celulares os conflitos entre manifestantes e policiais, causando indignação e atraindo maior número de insatisfeitos com as estruturas de poder. Milhares de pessoas se mobilizaram e tomaram as ruas do país em um levante simultâneo de insatisfação e demandas diversas, ilustradas na palavra de ordem comum em todos os protestos que se seguiram pelo país: "*Não são só 20 centavos*".

O cenário remontava às ruas dos países árabes, protagonistas dos levantes populares conhecido como a Primavera Árabe, onde a população foi brutalmente rechaçada pela polícia em meio às manifestações organizadas naquele país. O agravante no Brasil é o fato de que ninguém estava nas ruas pela derrubada de um governo ditatorial, mas sim reclamando a falta de representação política em um Estado democrático.

Além de manifestantes, jornalistas foram agredidos por policiais, demonstrando o despreparo do poder público em respeitar as liberdades individuais como o direito de se manifestar ou mesmo realizar o seu trabalho de mediar tais acontecimentos para o restante do país e do mundo.

Os editoriais das mídias tradicionais, que inicialmente pediam ordem e criticavam as mobilizações[11], diante da imagem de uma jornalista do jornal *Folha de São Paulo* com um tiro de borracha no olho efetuado pela polícia[12] e, conforme os atos públicos tomavam proporções e atraiam a simpatia e adesão de grande parte da

[9] Woodcock, Alexander Edward Richard and Davis, Monte. Catastrophe Theory. New York: E. P. Dutton, 1978.

[10] GLADWELL, Malcolm. The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference. Back Bay Books, 2002.

[11] Arnaldo Jabor fez duras críticas as manifestações em sua crônica exibida no Jornal da Globo, exibido pela Rede Globo de Televisão no dia 14 de junho de 2013.

[12] http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/bala-que-atingiu-reporter-da-folha-foi-disparada-para-o-chao-diz-pm.html

população, começaram mudar o tom dos seus discursos[13], focando sua cobertura no despreparo da polícia em lidar com a situação, enaltecendo o momento histórico democrático.

Essa mudança de tratamento na cobertura jornalística da mídia, inclusive, suscitou desconfianças em pessoas que acompanhavam o movimento, tal como o professor de Jornalismo da USP, Laurindo Leal, que em artigo publicado na Revista do Brasil, afirmou que "o movimento não tinha direção e poderia assumir bandeiras progressistas, as emissoras de TV, com a Globo à frente, passaram a conduzi-lo".

Mas nem os *media* foram relegados a meros espectadores pelos manifestantes. Também eles (os *media*) tornaram-se atores destes movimentos, quando na esteira da manifestação contra o aumento dos transportes coletivos outros temas se incorporaram a pauta dos manifestantes, como a insatisfação com os monopólios de mídia. Era possível encontrar cartazes com pedidos de mais democracia na mídia ou afirmações de que a Rede Globo não faria mais o povo de bobo. Carros de emissoras de televisão foram incendiados por uma corrente mais radical dos manifestantes. Espaços representativos do governo em todos os níveis foram depredados, relegando este grupo de manifestantes ao título de baderneiros e vândalos. O tamanho dos gastos com estádios para sediar megaeventos, corrupção e impunidade foram outros temas que pautavam a explosão dos movimentos, especialmente nos dias de jogos da Copa das Confederações.

Para o filósofo e crítico cultural Slavoj Zizek[14] (2013), os recentes protestos ocorridos no Brasil:

> (...) foram sim desencadeados por um pequeno aumento no preço do transporte público, mas continuaram mesmo após essa medida ser revogada. Mais uma vez, os protestos explodiram em um país que, ao menos de acordo com os meios de comunicação, encontrava-se no seu ápice econômico, desfrutando da alta confiança depositada em seu futuro. Somou-se ao mistério o fato de que os protestos foram imediatamente apoiados pela presidente Dilma Roussef, que afirmou estar "encantada" por eles. Sendo assim, quem são os verdadeiros alvos de inquietação dos manifestantes sobre a corrupção e desintegração dos serviços públicos?

Carlos Peña, doutor em Filosofia e reitor da Universidade Diego Portales, do Chile, afirmou recentemente em entrevista ao jornal *El País*[15] que, em sua percepção, o

[13] http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm

[14] Problemas no Paraíso. Artigo publicado no Blog Da Boitempo. Tradução Nathalia Gonzaga. Acessado em 05 de julho de 2013. Disponível em http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/05/problemas-no-paraiso-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-as-manifestacoes-que-tomaram-as-ruas-do-brasil/São

que ocorreu no Brasil assinala "uma mudança na subjetividade com que se vive o processo de modernização - e as expectativas que são dirigidas a ele - mas nenhum projeto de modernização alternativa"[16] gerando, o que nos parece ser senso comum nas ruas e debates que tratam deste momento de efervescência social: esta é uma crise de representação política.

Este cenário tornou-se favorável para o fortalecimento do sentimento de identidade nacional. A ideia de fazer parte de algo que poderia provocar mudanças estruturais no país, remontando momentos históricos que marcaram a histórica do Brasil como o Movimento *Diretas Já* ou o *Impeachment* do ex-presidente Collor de Mello em 1992, pareceu se propagar com rapidez e fluidez entre a população. Milhares de manifestantes ostentavam a Bandeira Nacional e pintavam o rosto com as cores verde e amarelo.

Este sentimento nacional coletivo se situa no entendimento do sociólogo Paolo Gerbaudo[17], na própria noção de povo. De acordo com o pesquisador, especialista nos estudos de manifestações organizadas em redes sociais, a principal alegação destes movimentos é de que eles representam todo o povo e não uma classe em particular ou partido político. Para Gerbaudo os políticos romperam o contrato social feito com a população, declinando assim, o sistema representativo. Estaria na corrupção o cerne da questão que envolve estes movimentos. Ainda de acordo com o pesquisador, estas manifestações se diferenciam dos movimentos de antiglobalização e são pontualmente nacionais, dirigidas aos sistemas representativo do próprio país.

Corrobora com esta afirmação pesquisa realizada pelo Ibope[18] sobre a percepção da corrupção do cidadão no país. Os dados apontam a insatisfação de 81% dos brasileiros com os partidos políticos, considerando-os corruptos ou muito corruptos. Ainda de acordo com a pesquisa, em segundo lugar na lista de instituições mais corruptas estaria o Congresso Nacional, com 72% dos entrevistados classificando-o com corrupto ou muito corrupto. A pesquisa foi realizada com 2.002 pessoas no país.

---

[15] http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/29/actualidad/1372469640_333172.html

[16] El proyecto de Bachelet es una suerte de capitalismo con rostro humano. El País. Santiago de Chile. 29 de junho de 2013. Entrevista com o doutor em Filosofia e reitor da Universidade Diego Portales concedida a Rócio Montes.

[17] Paolo Gerbaudo. O objetivo das manifestações é a nova forma de democracia. Folha de São Paulo. Londres. 08 de julho de 2013. Entrevista concedida a Bernardo Mello Franco.

[18] Pesquisa realizada pelo Ibope sobre a percepção da corrupção e divulgada pela Organização Transparência Internacional. Fonte: O Estadão. Publicado em 09 de junho de 2013.

Gerbaudo[19] acredita que as redes sociais foram vitais para a explosão da insatisfação popular em forma de manifestações, ao permitir que as pessoas se organizem de forma mais difusa e reclamem por suas identidades.

O sociólogo Jean Baudrillard, considerado um dos grandes críticos das novas tecnologias, em sua obra *A transparência do mal* afirma que quando o ser humano transfere suas características para a máquina ele está abrindo mão de si mesmo, de sua identidade, produzindo um esvaziamento total da cultura e do pensamento:

> O homem virtual, imóvel diante do computador, faz amor pela tela e faz cursos por teleconferências. Torna-se um deficiente motor, e provavelmente cerebral também. Esse é o preço para que ele se torne operacional. Como se pode prever que os óculos ou as lentes de contato serão um dia a prótese integrada de uma espécie da qual o olhar terá desaparecido, também é de temer que a inteligência artificial e seus suportes técnicos tornem-se a prótese de uma espécie da qual as ideias tenham desaparecido (BAUDRILLARD, 1992, p. 59).

Entretanto, os movimentos que eclodiram no Brasil em junho deste ano, operaram na contramão da teoria do sociólogo francês, uma vez que todo o pensamento e a expressão dos sentimentos da sociedade foram inscritos inicialmente no ambiente virtual, pelas redes sociais, pautando e orquestrando uma série de levantes populares no espaço urbano que aconteceram simultaneamente em diversas regiões do país.

Ao analisar a Revolução no Egito, Líbia e Síria, em decorrência dos conflitos que ficaram conhecidos no mundo como Primavera Árabe, Howard & Hussain (2013) assinalam que movimentos populares e de democratização sempre existiram muito antes de tecnologias como telefones celulares e a internet. Entretanto os autores reconhecem que com as TIC's, as pessoas compartilham ao mesmo tempo um mesmo interesse pela democracia construindo extensas redes, criando capital social e ação política organizada, "redes virtuais materializadas nas ruas" (p. 283).

Tal como nos países árabes, o Brasil não apresenta toda a sua população conectada. Com apenas 46,5% da população brasileira com acesso a internet[20], ainda assim foi possível orquestrar os movimentos de contestação à falta de representação política no país que explodiram em junho de 2013.

> Embora nestes países a maioria da população não tenha acesso à Internet, a parte que está online é politicamente significativa. Utilizadores da internet são, muitas vezes, elites ricas e cultas de um

[19] Idem.

[20] http://www.valor.com.br/brasil/3126418/ibge-acesso-internet-cresce-e-chega-465-da-populacao-em-2011

> país em desenvolvimento. Eles tendem a ser mais jovens e vivem nas capitais e áreas urbanas, e tendem a estar entre os mais politicamente ativos (HOWARD &HUSSAIN, 2013, p.98).

Estes mais ativos politicamente foram referência para a parte da população desconectada que, mesmo alheia aos movimentos organizados em rede, uniam-se nos espaços públicos das ruas pelo mesmo sentimento de pertencimento a uma nação, cujo crescimento assistido nos últimos anos, não era condizente com a falta de acesso ao processo de tomada de decisão e ação política dos representantes eleitos por essa população, ora não representada.

Considerando a dinâmica societária como "fluxo continuo, uma mudança mais rápida ou mais lenta das formas vivas" Elias (1994, p. 20) chama a atenção para a fluidez com que os fenômenos sociais operam exatamente pela tessitura contínua e mutável da vida humana, da relação dos indivíduos uns com os outros e com o ambiente que o cerca, num movimento livre e criativo como uma rede em constante movimento.

Assim, Elias usa adequadamente o conceito de rede para tentar explicar as relações humanas que não se restringem à liberdade individual, nem somente ao comportamento imposto coletivamente já que "a rede é um tecer e destecer ininterrupto das ligações" (MARTINS, 2004, p. 41). De acordo com Elias "cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existe antes dele para uma rede que ele ajuda formar" (1994, p. 34), tal como a teia de relações criadas pelo *Facebook* com a propagação entre "amigos de amigos" das mobilizações que se organizavam a partir daquele espaço. Pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) aponta que 75% dos manifestantes convidaram outras pessoas pelas redes sociais[21].

Como "expressão do mundo em movimento"[22], as redes sociais provocaram um forte impacto na sociedade contemporânea, estabelecendo a ampliação da capacidade de circular e difundir informação[23] o que justifica a possibilidade de orquestrar manifestações simultaneamente por todo o território nacional[24].

---

[21] Pesquisa Ibope realizada em 20 de junho de 2013 com 2000 entrevistas em 8 capitais: 36% em SP e 22% no Riode Janeiro.Disponível em http://www.fundacaoastrojildo.com.br/index.php/politica-e-cidadania/5011-pesquisa-ibope-com-os-manifestantes-e-microcomentarios-mc. Acessado em 22 de junho de 2013.

[22] Expressão cunhada por Martelelo & Tomaél (2006, p. 75).

[23] Castells, 1999.

[24] No Rio de Janeiro, cerca de 100 mil manifestantes ocuparam a Avenida Presidente Vargas em protestos inicialmente pacíficos no dia 18 de junho de 2013, enquanto em São Paulo 65 mil pessoas ocupavam as ruas da cidade marchando em direção a sede do Governo do Estado. Em Brasília, manifestantes ocuparam o exterior do

Embora esta assertiva não represente novidade, visto que inúmeros trabalhos acadêmicos[25] buscam dar conta de produzir estudos que apontem o impacto deste modelo informacional sobre as relações sociais contemporâneas, é inegável que os aspectos sociais dessa nova economia da informação tenham contribuído para a criação de novas estruturas sociais, com dinâmicas e funções de grande impacto sobre os indivíduos que fazem parte desta rede, haja vista a forma como se desencadearam rápida e simultaneamente as manifestações em diversas regiões no país[26].

Na comunicação mediada pelo computador, os atores sociais têm a percepção do outro através daquilo que se revela no ato de interação. A criação e o fortalecimento de laços sociais estão diretamente relacionados ao nível de confiança construído ao longo do processo de trocas entre os indivíduos que inicialmente se constrói por meio de identificação.

Assim como nas redes físicas pessoais, os vínculos sociais em redes virtuais são diversificados e especializados de acordo com as preferências pessoais de cada indivíduo que se insere nestas redes. Muitas destas redes que inicialmente são instrumentais, com o passar do tempo, passam a oferecer apoio pessoal, tornando a comunicação especializada, mas também ampla e solidária conforme a intensidade das interações no decorrer do tempo[27].

O professor e pesquisador de Filosofia Política da Unicamp, Marcos Nobre[28] em suas primeiras impressões sobre as manifestações de rua na cidade de São Paulo, afirmou que "dependendo de onde a pessoa estivesse ela vivia uma passeata diferente. Para o pesquisador havia "ondas" dentro de uma mesma passeata, o que demonstra a especificidade e diversidade dos vínculos sociais que tomava as ruas. Nobre dá igual destaque ao fato de que, uma vez orquestradas estas manifestações pelas redes sociais pela interação entre os indivíduos, não havia uma formação clássica de liderança, tal

Congresso Nacional e chegaram a subir a rampa, enquanto em fortaleza, o protesto começou em frente ao hotel onde a seleção brasileira estava hospedada. Fonte: O Globo, 19 de junho de 2013.

[25] Castells, 1999; Wellman, 2002; Primo, 2004; Noris, 2001; outros.

[26] No Rio de Janeiro, cerca de 100 mil manifestantes ocuparam a Avenida Presidente Vargas em protestos inicialmente pacíficos no dia 18 de junho de 2013, enquanto em São Paulo 65 mil pessoas ocupavam as ruas da cidade marchando em direção a sede do Governo do Estado. Em Brasília, manifestantes ocuparam o exterior do Congresso Nacional e chegaram a subir a rampa, enquanto em fortaleza, o protesto começou em frente ao hotel onde a seleção brasileira estava hospedada. Fonte: O Globo, 19 de junho de 2013.

[27] Castells, 1999.

[28] NOBRE, Marcos. Inquietações que marcaram mês de junho no Brasil. Entre aspas. Rio de Janeiro, Globo News, 27 de junho de 2013. Programa de TV.

como os movimentos liderados por sindicatos e ou partidos políticos em outros momentos da história. Inclusive, militantes com bandeiras de partidos políticos foram rechaçados pelos manifestantes, num ato de negação de qualquer associação do movimento com os principais algozes a que se dirigiam tais manifestações. No Egito, em ocasião da Primavera Árabe, isto também foi assistido, os militantes de partidos também foram proibidos de mostrar suas bandeiras na praça, já que a luta ao qual se dirigiam era contra um inimigo comum, o aparato do Estado[29].

Corroborando com a percepção de Nobre está também o sociólogo Slavoj Zizek, estudioso das Revoltas Árabes e do Ocoppy Wall Street. O filósofo e pesquisador esloveno acredita que as manifestações no Brasil são emocionalmente construídas por um sentimento de descontentamento dos brasileiros.

> Devemos evitar o essencialismo aqui: não existe um único objetivo "real" perseguido pelos manifestantes, algo capaz de, uma vez concretizado, reduzir a sensação geral de mal-estar ("os protestos são realmente contra o capitalismo global, contra o fundamentalismo religioso, em defesa das liberdades civis e da democracia…"). O que a maioria das pessoas que participaram dos protestos compartilha é um sentimento fluido de desconforto e descontentamento que sustenta e une demandas particulares. Aqui, novamente, o velho lema de Hegel de que "os segredos dos antigos egípcios eram segredos também para os próprios egípcios" mantém-se plenamente: a luta pela interpretação dos protestos não é apenas "epistemológica"; a luta dos jornalistas e teóricos sobre o verdadeiro teor dos protestos é também uma luta "ontológica", que diz respeito à coisa em si, que ocorre no centro dos próprios protestos. Há uma batalha acontecendo dentro dos protestos sobre o que eles representam em si: é apenas uma luta contra a administração de uma cidade corrompida? (ZIZEK, 2013)

A onda de protestos no Brasil iniciada na Internet em junho de 2013 foi nomeada pelo especialista em redes sociais Augusto Franco[30] de "metabolismo das redes sociais". Para Franco, este movimento assinala o momento de efervescência social em que emoções e subjetividades afloram pela internet. A partir das trocas entre os atores sociais na ação comunicativa a interação ocorre simbolicamente mediada pelo computador. De acordo com analista é a partir da convivência entre os indivíduos que estes são capacitados à comunicação e a ação coordenada uns com os outros.

[29] Paolo Gerbaudo. O objetivo das manifestações é a nova forma de democracia. Folha de São Paulo. Londres. 08 de julho de 2013. Entrevista concedida a Bernardo Mello Franco.

[30] FRANCO, Augusto. Inquietações que marcaram mês de junho no Brasil. Entre aspas. Rio de Janeiro, Globo News, 27 de junho de 2013. Programa de TV.

Castells[31] analisa as manifestações no Brasil como movimentos emocionais. De acordo com o sociólogo os eventos não foram pontualmente indicativos. Um fato particular, como o aumento das passagens do transporte coletivo, poderia catalisar um sentimento maior, capaz de mobilizar pessoas a estarem reunidas em torno de uma emoção comum a todos: a falta de representação política.

A emoção é caracterizada por Rezende e Coelho (2010, p. 30-31) "como a dimensão mais verdadeira da subjetividade individual", embora seja possível reconhecer a variedade cultural de formas de expressar emoções, "o sentimento em si seria da ordem de uma essência humana", logo, a lembrança das reações emotivas, de acordo com as sociólogas, está sempre associada ao contexto de interação que as produziu. No caso particular desta análise: o longo descaso entre os anseios da população e as tomadas de decisão por seus representantes políticos.

Nesse sentido fica evidente o porquê do uso efusivo de frases como *"O gigante acordou", "Feliciano, você não me representa", "Não contavam com nossa astúcia", "Enfia esses 20 centavos no SUS"* (em referência aos vinte centavos de aumento do transporte coletivo), entre outras, que circularam nas ruas e redes sociais no Brasil e pelo mundo.

Estas frases representavam um sentimento represado de um possível futuro melhor, já que os cidadãos lembravam aos políticos com estas palavras de ordem que "o governo não é deles e sim dos cidadãos que os elegem e pagam impostos" (Castells, 2013).

[31] CASTELLS, Manuel. O povo não vai se cansar de protestar. O Globo. 29 de junho de 2013. Entrevista concedida por e-mail a Mauricio Meirelles.

Redes sociais e a multiterritorialização de emoções

Sendo a comunicação um processo de compartilhamento de significado através da troca entre os interagentes, e entendendo as redes como as pessoas interagindo e não as ferramentas usadas nesta interação pode-se compreender todo este movimento encenado em junho de 2013, orquestrado pelas redes sociais, como um movimento orgânico onde o espaço virtual atuou como um lugar de comunicação e expressão de emoções partilhadas.

As mídias digitais foram singularmente poderosas na produção e obtenção de mensagens de protesto, na condução da cobertura pelas emissoras tradicionais (ao se tornarem as redes sociais pauta para programas de rádio, televisão, artigos de jornais e revistas de circulação nacional e internacional) e ao conectar milhares de cidadãos frustrados com a representação política do país, ajudando-os a perceber que suas vozes, compartilhadas e unidas, poderiam mais facilmente ser ouvidas construindo um caminho possível para a solução da crise de representação política.

A internet deu impulso para que os indivíduos pudessem deixar de ser meros espectadores das mídias tradicionais para participar ativamente no processo de produção como criadores e desenvolvedores de informação, conteúdo, ideias, conectando-se em rede, organizando-se e agrupando-se.

Ao sair do formato tradicional de recepção de informações, onde os indivíduos recebem como consumidores o produto final deste processo de produção, os indivíduos conectados puderam expor suas subjetividades num movimento multiterritorializante de informação.

O geógrafo Rogério Haesbaert em sua obra *Territórios Alternativos* discorre sobre a sociedade contemporânea, a partir da ideia de uma "territorialidade" ou "geograficidade" que estaria sendo extinta por processos globalizantes acelerados pelas tecnologias da informação e comunicação. De acordo com o autor estaríamos vivendo um momento de multiterritorialidades, onde as fronteiras dos territórios estariam se dissipando e num movimento contínuo a vida dos indivíduos e dos grupos sociais estariam se desterritorializando e reterritorializando, simultaneamente. Este movimento, para Haesbaert, implicaria perspectivas políticas inovadoras.

A acepção de território tem relação direta com a noção de poder. Refere-se ao poder tanto material, no sentido de dominação, quanto simbólico, no sentido de apropriação.

Em Lefebrev encontramos a distinção entre dominação e apropriação, sendo o primeiro vinculado a experiência material, o valor de troca e o segundo mais simbolicamente construído, no sentido de experiências vividas, valor de uso.

> O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica "apropriação" e não "propriedade". Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos "agentes" que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (LEFEBREV, 1986, p. 411-412)

Desse modo, enquanto espaço-tempo vivido, o território é sempre múltiplo, complexo (Haesbaert, 2004), estando assim as mídias sociais digitais operando nesta lógica multifacetada de escalas e territórios, desterritorializados e reterritorializados simultaneamente, formando redes ininterruptas e contínuas de novas formas de organização do espaço.

Castells (2012, p.11) dialoga com Lefebrev e Haesbaert ao considerar que "controlar o espaço, significa o controle sobre a vida das pessoas". Assumindo assim o controle de suas vidas, com o apoio da internet, cidadãos brasileiros puderam experimentar, fora das instituições tradicionais, um sentimento de participação e inclusão na cena política brasileira, vivenciando, pela rede, os protestos capilarizados em várias cidades e capitais do país.

As relações sociais nestes movimentos referiam-se à relações de poder. Fugindo à dominação do controle político, atores sociais autogestionaram livremente manifestações por todo o território nacional. "Da segurança do ciberespaço, as pessoas de todas as idades e condições foram movidas a ocupar o espaço urbano, em um encontro às cegas uns com os outros" (CASTELLS, 2012, p.02).

As redes sociais foram deste modo, a base material para reunir e organizar a sociedade brasileira a reclamar mudanças no país por participação política, dignidade, cidadania e direito de sonhar.

"Somos a rede social", anunciava uma faixa que abria a manifestação seguida de 100.000 pessoas em 17 de junho de 2013, na Avenida Rio Branco, cidade do Rio de Janeiro. Seguida de outras que diziam: "*filmem tudo, fotografem tudo, vamos escrever a nossa história*".

As transformações tecnológicas promoveram assim também transformações nos enunciados. As fontes tornaram-se múltiplas e, o que se assiste agora é uma enxurrada

de eventos pautados, narrados, testemunhados e registrados pelos próprios cidadãos. Os limites e fronteiras se esfumaçaram. Em Londres, por exemplo, 2.000 pessoas se reuniram numa praça próxima ao Big Ben, em ato apoiando as manifestações brasileiras. Brasileiros morando na Inglaterra, se juntaram a turistas e ingleses e protestaram em favor do movimento que eclodiu no Brasil. Com imagens que circularam em redes sociais, os brasileiros no exterior exibiam cartazes com fotos das pessoas feridas nos confrontos e comparavam a atuação da polícia na Inglaterra com o efetivo no Brasil.

Os brasileiros puderam experimentar, pelas redes sociais, a desterritorialização do movimento social e simultaneamente sua reterritorialização, deslocando-o das principais capitais do país e realocando-o pelo interior e outras partes do mundo.

Portanto, nas redes sociais, o Brasil e mundo experimentaram aos olhos do próprio cidadão a primeira grande onda de uma série de levantes que se fez florescer em pleno Outono brasileiro.

Conclusões

O presente artigo procurou demonstrar como se deu o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) no processo político brasileiro que levou milhares de pessoas às ruas ocupando o espaço público no mês de junho de 2013.

Reclamando a falta de representação política no país, homens, mulheres, jovens, crianças, adultos e idosos, se organizaram no espaço virtual e, pelas redes sociais, se mobilizaram para tomar as ruas em protestos simultâneos e subsequentes por todo o país.

Na primeira seção deste artigo, buscamos demonstrar o modo pelo qual se deu a orquestração das manifestações em rede e o caráter emocional deste movimento, que assumiu rapidamente grandes dimensões pautando as mídias tradicionais do Brasil e do mundo.

Apresentamos brevemente o conceito de emoção, articulando-o com a percepção de diversos analistas sobre os movimentos sem uma causa pontual que eclodiram no outono brasileiro.

A segunda seção serviu para analisar a relação das TIC's com a multiterritorialização dos movimentos populares, e demonstramos como as manifestações no Brasil desterritorializaram e reterritorializaram simultaneamente os

levantes populares no país, permitindo que o sentimento de identificação e inclusão de tais movimentos fosse partilhado por brasileiros desconectados (seguindo a emoção que toma as ruas) ou mesmo aqueles conectados em outras partes do mundo.

Ao longo do desenvolvimento do artigo, observou-se que as redes sociais desempenharam um papel estratégico para o desdobramento dos acontecimentos no Brasil. Além de orquestrar a onda de protestos que tomou conta do país, através da rede, foram disseminadas informações e imagens retratadas a partir do olhar do próprio cidadão, de dentro das manifestações, tornando-se estes, protagonistas ativos deste momento político no Brasil atuando como produtores, desenvolvedores e divulgadores de conteúdo para o Brasil e para o mundo. As redes sociais passaram a pautar as mídias tradicionais, que acompanhavam o movimento da rede para produzir suas impressões sobre a sociedade em movimento.

Portanto, as manifestações no Brasil em junho de 2013, podem ser entendidas como um acontecimento complexo, catalisado pelo uso de redes sociais, que reverberou pelas mídias tradicionais no Brasil e no mundo como uma onda de protestos que surgiu de um movimento emocional em decorrência da crise de representação política no país.

Deste modo, este artigo tentou demonstrar as implicações das Tecnologias da Informação e Comunicação para novas formas de organização e mobilização social, desterritorializando e reterritorializando, simultaneamente, as emoções partilhadas pelos cidadãos brasileiros em busca de maior transparência política, justiça e exercício de cidadania no país.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal.** Ensaios sobre fenômenos extremos. 2. ed. Campinas: Papirus, 1992.

CASTELLS, Manuel. **Networks of outrage and hope:** Social Movements in the Internet Age. Polity Press Cambridge, USA, 2012.

_____. **O povo não vai se cansar de protestar.** O Globo. 29 de junho de 2013. Entrevista concedida por e-mail a Mauricio Meirelles.

ELIAS, Norbert**. A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1994.

FRANCO, Augusto; NOBRE, Marcos. **Inquietações que marcaram mês de junho no Brasil**. **Entre aspas.** Rio de Janeiro, Globo News, 27 de junho de 2013. Programa de TV.

GERBAULDO, Paolo. **O objetivo das manifestações é a nova forma de democracia.** Folha de São Paulo. Londres. 08 de julho de 2013. Entrevista concedida a Bernardo Mello Franco.

GLADWELL, Malcolm. **The Tipping Point**: How Little Things Can Make a Big Difference. Back Bay Books, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos.** São Paulo: Contexto, 2006**.**

HOWARD, Philip N.; HUSSAIN, Muzammil M.. **Democracy's Fourth Wave?** Digital Media and the Arab Spring. Oxford University Press, New York, 2013.

LEFEBVRE, H. **La Production de l'Espace**. Paris, Anthropos, 1986.

MARTINS, Paulo H. As redes sociais, o Sistema da dádiva e o paradoxo sociológico. In: MARTINS, Paulo H.; FONTES, Breno (Org.). **Redes sociais e saúde**: novas possibilidades teóricas. Recife. UFPE, 2004.

NORIS, Pipa. **Digital Divide**: civic engagement, information poverty, and internet worldwide. Cambridge: Cambridge University, 2001.

PEÑA, Carlos. **El proyecto de Bachelet es una suerte de capitalismo con rostro humano**. El País. Santiago de Chile. 29 de junho de 2013. Entrevista concedida a Rócio Montes.

PRIMO, Alex. **Interações Mediadas pelo computador**. Sulina. Porto Alegre, 2007.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

TOMAÉL, M.I.; MARTELETO, R. M. **Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação**. Encontros Bibli, Santa Catarina, Especial, 1. Sem., p. 75-91, 206.

WELLMAN, B. Designing the Internet for a networked society: little boxes, glocalization, and networked individualism. **Communications of the ACM**, v. 45, n.5, p. 91-96, 2002.

WOODCOCK, Alexander; RICHARD, Edward; MONTE, Davis. **Catastrophe Theory**. New York: E. P. Dutton, 1978.

ZIZEK, Slavoj. **The year of dreaming dangerously.** Verso, London, New York, 2012.

_____. **Problemas no Paraíso.** Blog Da Boitempo. Tradução Nathalia Gonzaga. Acessado em 05 de julho de 2013. Disponível em http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/05/problemas-no-paraiso-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-as-manifestacoes-que-tomaram-as-ruas-do-brasil/São

Outras referências

http://datafolha.folha.uol.com.br/.

http://cbn.globoradio.globo.com/home/HOME.htm

http://g1.globo.com/

http://www.folha.uol.com.br/

http://www.estadao.com.br/

http://www.valor.com.br/

http://oglobo.globo.com/

http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2013/06/pesquisa-revela-perfil-dos-manifestantes-brasileiros.html